



PETROLINA - PE

**PREFEITURA MUNICIPAL DE PETROLINA -
PERNAMBUCO**

**PROFESSOR - ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL – GEOGRAFIA**

EDITAL Nº 001/2025

CÓD: OP-1300T-25
7908403583102

ÍNDICE

Língua Portuguesa

1. Compreensão e Interpretação de textos	7
2. Aspectos semânticos do vocabulário da língua (noções de polissemia, sinonímia e antonímia)	7
3. Relações coesivas e semânticas (de causalidade, temporalidade, finalidade, condicionalidade, finalidade, comparação, oposição, adição, conclusão, explicação, entre outros.) entre orações, períodos ou parágrafos, indicados pelos vários tipos de expressões conectivas ou sequenciadores (conjunções, preposições, advérbios, entre outros.).....	8
4. Expressão escrita: divisão silábica	9
5. Ortografia.....	9
6. Acentuação (Reforma Ortográfica Vigente)	13
7. Pronomes de tratamento.....	14
8. Normas da flexão dos verbos regulares e irregulares	14
9. Formação de Palavras: Derivação, Composição, Hibridismo, etc; Traços semânticos de radicais, prefixos e sufixos	16
10. Efeitos de sentido decorrentes do emprego expressivo dos sinais de Pontuação.....	19
11. Padrões de concordância verbal e nominal	20
12. Padrões de regência verbal e nominal	22
13. Emprego do sinal indicador de crase	22

Conhecimentos Gerais

1. Aspectos históricos, geográficos, políticos, administrativos, institucionais, econômicos e sociais do município de Petrolina-PE e do Estado de Pernambuco.....	29
2. Mudanças Climáticas	40
3. Lei nº 13.146/15 - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI).....	41
4. Novas tecnologias da informação e comunicação	59
5. Lei nº 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente.....	64
6. Lei nº 12.288/10 - Estatuto da Igualdade Racial	104
7. Lei Municipal nº 301/1991 – Estatuto dos Funcionários Públicos do Município de Petrolina.....	111

Conhecimentos Específicos

Professor - Anos Finais do Ensino Fundamental – Geografia

1. Representação do espaço (noções cartográficas).....	131
2. O espaço geográfico (os elementos do espaço geográfico (sócio-econômico-naturais)	139
3. Domínios morfoclimáticos numa perspectiva global e nacional.....	141
4. Atividades econômicas brasileira.....	142
5. Relações internacionais	145
6. Impactos ambientais causados pela sociedade e desenvolvimento sustentável.....	156
7. Mundialização da economia e novas territorialidades	161
8. As 39 atividades agrárias (Sistema de uso da terra e tipos de cultura, Modos de produção)	163
9. Questões agrárias: estrutura agrária, reforma agrária e as relações de trabalho.....	169
10. O agronegócio no Brasil e agricultura familiar	172

ÍNDICE

1. Geografia da população (etnias, crescimento populacional, envelhecimento populacional, pirâmides etárias, teorias demográficas)	173
2. O Ensino da Geografia e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): competências gerais, específicas e objetos de conhecimento	177
3. Fundamentos da Educação	179
4. Concepções e tendências pedagógicas contemporâneas	185
5. A didática e o processo de ensino/aprendizagem: planejamento, estratégias, metodologias e avaliação da aprendizagem	186
6. As teorias do currículo	187
7. Os conhecimentos socioemocionais no currículo escolar	189
8. Educação para as relações étnico-raciais	191
9. Constituição Federal de 1988 (Artigo nº 205 ao nº 214)	192
10. LDBEN, atualizada - Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996	196
11. Projeto político-pedagógico	215
12. Educação Inclusiva	217

LÍNGUA PORTUGUESA

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Compreender e interpretar textos é essencial para que o objetivo de comunicação seja alcançado satisfatoriamente. Com isso, é importante saber diferenciar os dois conceitos. Vale lembrar que o texto pode ser verbal ou não-verbal, desde que tenha um sentido completo.

A **compreensão** se relaciona ao entendimento de um texto e de sua proposta comunicativa, decodificando a mensagem explícita. Só depois de compreender o texto que é possível fazer a sua interpretação.

A **interpretação** são as conclusões que chegamos a partir do conteúdo do texto, isto é, ela se encontra para além daquilo que está escrito ou mostrado. Assim, podemos dizer que a interpretação é subjetiva, contando com o conhecimento prévio e do repertório do leitor.

Dessa maneira, para compreender e interpretar bem um texto, é necessário fazer a decodificação de códigos linguísticos e/ou visuais, isto é, identificar figuras de linguagem, reconhecer o sentido de conjunções e preposições, por exemplo, bem como identificar expressões, gestos e cores quando se trata de imagens.

Dicas práticas

1. Faça um resumo (pode ser uma palavra, uma frase, um conceito) sobre o assunto e os argumentos apresentados em cada parágrafo, tentando traçar a linha de raciocínio do texto. Se possível, adicione também pensamentos e inferências próprias às anotações.
2. Tenha sempre um dicionário ou uma ferramenta de busca por perto, para poder procurar o significado de palavras desconhecidas.
3. Fique atento aos detalhes oferecidos pelo texto: dados, fonte de referências e datas.
4. Sublinhe as informações importantes, separando fatos de opiniões.
5. Perceba o enunciado das questões. De um modo geral, questões que esperam **compreensão do texto** aparecem com as seguintes expressões: o autor afirma/sugere que...; segundo o texto...; de acordo com o autor... Já as questões que esperam **interpretação do texto** aparecem com as seguintes expressões: conclui-se do texto que...; o texto permite deduzir que...; qual é a intenção do autor quando afirma que...

ASPECTOS SEMÂNTICOS DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA (NOÇÕES DE POLISSEMIA, SINONÍMIA E ANTONÍMIA)

No estudo da semântica, as palavras podem ser classificadas de acordo com as relações de sentido que estabelecem entre si. Essas relações são fundamentais para a construção de significados e para a clareza na comunicação. Entre as principais relações de sentido, destacam-se a sinonímia e a antonímia.

► Sinonímia

A sinonímia refere-se à relação entre palavras que possuem significados semelhantes ou próximos. Palavras sinônimas podem ser usadas de forma intercambiável em diferentes contextos, embora nuances de sentido ou grau de formalidade possam variar entre elas. Um exemplo clássico de sinonímia é a relação entre “inteligente” e “esperto”, onde ambas as palavras denotam alguém com rapidez de raciocínio ou habilidade para resolver problemas.

Vale notar, entretanto, que o uso de sinônimos deve considerar o contexto para evitar distorções de sentido. Mesmo que duas palavras sejam sinônimas, uma pode ser mais adequada em um ambiente formal, enquanto outra pode ter um tom mais coloquial ou específico.

► Antonímia

Por outro lado, a antonímia estabelece uma relação de oposição entre palavras, ou seja, são palavras que têm significados contrários. A compreensão dos antônimos é essencial para a formação de contrastes e oposição de ideias no discurso. Por exemplo, “forte” e “fraco” são antônimos que expressam conceitos opostos de intensidade física ou resistência.

Assim como na sinonímia, é importante estar atento às variações de uso dos antônimos, pois alguns termos podem ter oposição mais direta ou abrangente que outros, dependendo do contexto. O uso adequado de antônimos permite uma comunicação mais precisa e um melhor entendimento das ideias que se quer expressar.

► Polissemia

A polissemia ocorre quando uma palavra apresenta mais de um significado, dependendo do contexto em que é utilizada. É um fenômeno comum na língua portuguesa e em muitas outras línguas, permitindo que uma única palavra se ajuste a diferentes situações comunicativas. Por exemplo, a palavra “cabeça” pode ser usada para se referir tanto à parte do corpo humano (“Ela machucou a cabeça”) quanto ao líder de um grupo (“Ele é a cabeça da equipe”).



AMOSTRA

Esse fenômeno enriquece a língua, mas também exige do leitor ou ouvinte a capacidade de interpretar corretamente o sentido da palavra conforme o contexto. Na literatura, a polissemia é frequentemente explorada para criar camadas de significados, permitindo interpretações múltiplas e sofisticadas de textos.

RELAÇÕES COESIVAS E SEMÂNTICAS (DE CAUSALIDADE, TEMPORALIDADE, FINALIDADE, CONDICIONALIDADE, FINALIDADE, COMPARAÇÃO, OPOSIÇÃO, ADIÇÃO, CONCLUSÃO, EXPLICAÇÃO, ENTRE OUTROS.) ENTRE ORAÇÕES, PERÍODOS OU PARÁGRAFOS, INDICADOS PELOS VÁRIOS TIPOS DE EXPRESSÕES CONECTIVAS OU SEQUENCIADORES (CONJUNÇÕES, PREPOSIÇÕES, ADVÉRBIOS, ENTRE OUTROS.)

A coesão é um dos elementos fundamentais que garantem a fluidez e a clareza de um texto. Ela se refere aos mecanismos linguísticos que estabelecem a ligação entre as partes de um texto, proporcionando uma sequência lógica e clara entre as ideias. Um texto coeso é aquele em que os elementos se conectam de maneira eficiente, sem rupturas no sentido, permitindo que o leitor siga o raciocínio do autor de forma linear e compreensível.

Existem vários mecanismos de coesão que ajudam a estabelecer essas relações dentro do texto. Entre os principais estão a referência, a substituição, a elipse e a repetição. Esses recursos garantem que as informações no texto se relacionem entre si, evitando a necessidade de repetir palavras ou expressões de forma desnecessária e contribuindo para a economia e elegância do discurso.

► Referência

A referência é um dos recursos mais comuns de coesão textual e ocorre quando um elemento do texto remete a outro, seja dentro do próprio texto (referência endofórica) ou fora dele (referência exofórica). A referência permite evitar repetições desnecessárias, mantendo a continuidade do discurso. Esse mecanismo é fundamental para a compreensão do texto, pois evita ambiguidades e cria uma conexão clara entre as informações.

Existem três tipos principais de referência:

► Referência Anafórica

A referência anafórica é quando uma palavra ou expressão faz referência a um termo mencionado anteriormente no texto. É o caso dos pronomes pessoais e demonstrativos que retomam um substantivo já citado.

▪ **Exemplo:** “João comprou um carro novo. Ele está muito satisfeito com a compra.” (Os pronomes “ele” e “a compra” referem-se a “João” e “carro”, respectivamente.)

► Referência Catafórica

A referência catafórica ocorre quando um elemento faz referência a algo que ainda será mencionado no texto. Nesse caso, a referência antecipa a informação, criando uma expectativa no leitor.

▪ **Exemplo:** “Foi assim: ela entrou na sala e começou a gritar. Maria estava desesperada.” (O pronome “ela” antecipa a menção de “Maria”.)

► Referência Exofórica

A referência exofórica é quando um elemento do texto faz referência a algo fora do texto, ou seja, a algo que o leitor ou interlocutor conhece por meio do contexto externo.

▪ **Exemplo:** “Pegue aquilo para mim, por favor.” (O pronome “aquilo” faz referência a algo presente no contexto extratextual, mas que não está mencionado no texto.)

► Substituição

A substituição é um mecanismo coesivo em que um elemento do texto é substituído por outro, evitando a repetição de uma palavra ou expressão. A substituição pode ser realizada por pronomes, advérbios ou outras palavras que têm a função de substituir termos já mencionados ou que serão mencionados.

Assim como a referência, a substituição contribui para a economia do texto e para a manutenção da coesão. _SL

Existem diferentes tipos de substituição:

► Substituição Nominal

Na substituição nominal, um substantivo ou expressão nominal é substituído por um pronome ou outro termo que o represente.

Exemplo: “Gostei muito deste livro. Vou levar este.” (O pronome demonstrativo “este” substitui “livro”.)

► Substituição Verbal

Na substituição verbal, um verbo ou expressão verbal é substituído por outro termo que tem a mesma função, geralmente usando um verbo auxiliar como “fazer”.

Exemplo: “Maria cantou muito bem ontem. E hoje ela voltou a fazer o mesmo.” (O verbo “fazer” substitui a ação “cantar”.)

► Substituição Frasal

Aqui, uma oração inteira ou parte dela é substituída por uma expressão que resume o sentido da oração anterior.

Exemplo: “Ele queria sair mais cedo. Isso foi o que ele disse.” (O pronome “isso” substitui a frase “Ele queria sair mais cedo.”)

► Elipse

A elipse é um recurso coesivo em que um termo ou expressão é omitido, mas pode ser facilmente identificado pelo contexto. A elipse permite a omissão de informações que já foram mencionadas ou que são subentendidas, evitando a repetição desnecessária e tornando o texto mais fluido e econômico.

A elipse é particularmente comum em diálogos e em textos mais informais, onde a repetição de certas palavras pode ser desnecessária. É importante que o contexto forneça informações suficientes para que o termo omitido seja compreendido pelo leitor.



CONHECIMENTOS GERAIS

ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS, POLÍTICOS, ADMINISTRATIVOS, INSTITUCIONAIS, ECONÔMICOS E SOCIAIS DO MUNICÍPIO DE PETROLINA-PE E DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Formação territorial de Pernambuco

Processos de formação

*Pernambuco: Uma terra ativa, de muitos movimentos nativistas que tiveram impacto histórico determinante para o Brasil.*¹

O Início

Em 1501, quando a expedição do navegador Gaspar de Lemos fundou feitorias no litoral da colônia portuguesa, na recém descoberta América, teve início o processo de colonização de Pernambuco, uma das primeiras áreas brasileiras a ter ativa colonização portuguesa.

Entre os anos de 1534 e 1536, Dom João III, então rei de Portugal, instalou o sistema de Capitanias Hereditárias no Brasil, que consistia na doação de um lote de terras, chamado Capitania, a um Donatário (português), a quem caberia explorar, colonizar as terras, fundar povoados, arrecadar impostos e estabelecer as regras do local. Dentre os primeiros 14 lotes distribuídos por D. João III estava a Capitania de Pernambuco, ou Capitania de Nova Lusitânia, como seu Donatário, Duarte Coelho, a batizou. Dessa forma, em 1535, Duarte Coelho se estabeleceu no local onde fundou a vila de Olinda e espalhou os primeiros engenhos da região. Até então, os ocupantes do território eram os índios Tabajaras.

A Colônia

No período colonial, Pernambuco torna-se um grande produtor de açúcar e durante muitos anos é responsável por mais de metade das exportações brasileiras. Pernambuco torna-se a mais promissora das capitanias da Colônia Portuguesa na América. Tal prosperidade chamou a atenção dos holandeses, que, entre 1630 e 1654, ocuparam toda a região, sob o comando da Companhia das Índias Ocidentais, tendo como representante o Conde Mauricio de Nassau, que por ter incendiado Olinda, estabeleceu-se no Recife, fazendo-a capital do Brasil holandês. Nassau traz para Pernambuco uma forma de administrar inovadora. Realiza inúmeras obras de urbanização, amplia a lavoura da cana e assegura a liberdade de culto.

No período holandês, é fundada no Recife a primeira sinagoga das Américas. Amante das artes, Nassau tem na sua equipe inúmeros artistas, como Frans Post e Albert Eckhout, pioneiros na documentação visual da paisagem brasileira e do cotidiano dos seus habitantes.

A partir de 1645 teve início um movimento de luta popular contra o domínio holandês de Pernambuco: a Insurreição Pernambucana. A primeira vitória importante dos insurretos se deu no Monte das Tabocas, hoje localizado no município de Vitória de Santo Antão, onde 1.200 insurretos mazombos munidos de armas de fogo, foices, paus e flechas derrotaram numa emboscada 1.900 holandeses bem armados e bem treinados. Foram quase 10 anos de conflito, com destaque para as duas Batalhas de Guararapes, até que em janeiro de 1654 os holandeses se renderam. O movimento foi um marco importante para o Brasil, tanto militarmente, com a consolidação das táticas de guerrilha e emboscada, quanto sócio politicamente, com o aumento da miscigenação entre as três raças (negro africano, branco europeu e índio nativo) e o começo de um sentimento de nacionalidade.

A ocupação dos holandeses fez Recife prosperar, onde se estabeleceram muitos comerciantes e mascates, enquanto Olinda continuava a ser o reduto dos senhores de engenho. Devido a divergências quanto à demarcação de novas vilas, em 1710, os moradores de Olinda invadem o Recife, dando início a chamada Guerra dos Mascates. O líder da ocupação, Bernardo Vieira de Melo entrou para a história quando sugeriu que Pernambuco se tornasse uma república. Essa foi a primeira vez que se falou em república no país. O conflito só terminou com a chegada, em 1711, do novo governador da região.

O Império

Em 1817, Pernambuco tentou proclamar-se independente de Portugal, mas o movimento foi derrotado. A Revolução Praieira, em 1848, questionava o regime monárquico, e já pregava a República. Joaquim Nabuco, um dos maiores símbolos do Abolicionismo, iniciou a pregação das ideias no Recife. Os pernambucanos se orgulham de sua participação ativa na História do Brasil, sempre mantendo altos ideais libertários.

A República

Com o advento da República, Pernambuco procura ampliar sua rede industrial, mas continua marcado pela tradicional exploração do açúcar. O Estado moderniza suas relações trabalhistas e lidera movimentos para o desenvolvimento do Nordeste, como no momento da criação da Sudene. A partir de meados da década de 60, Pernambuco começa a reestruturar sua economia, ampliando a rede rodoviária até o sertão e investindo em polos de investimento no interior do Estado. Na última década, consolidam-se os setores de ponta da economia

¹ Governo do Estado de Pernambuco. História. Disponível em: <http://www.pe.gov.br/conheca/historia/>. Acesso em: Março/2016.



AMOSTRA

pernambucana, sobretudo aqueles atrelados ao setor de serviços (turismo, informática, medicina) e estabelece-se uma tendência constante de modernização da administração pública.

Aspectos Geográficos de Pernambuco

Mesorregiões



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=mesorregioes+de+pernambuco&sa=X&esp-v=2&biw=1366&bih=667&tbm=isch&tbo=u&source=univ&ved=0ahUKEwi3pLa8isDLAhXFQpAKHdHNDHIQsAQIKw#imgsrc=IRc6U37CU6GDJM%3A>.

A divisão geopolítica de uma região dá-se pela influência socioeconômica das atividades de sua população.

Conferindo o mapa, podemos perceber que **Pernambuco está organizado em 5 Mesorregiões:**

- Metropolitana do Recife;
- Zona da Mata;
- Agreste de Pernambuco;
- Sertão Pernambucano;
- São Francisco.

Mesorregião do São Francisco

A mesorregião do São Francisco Pernambucano é formada por duas microrregiões e abrange 15 municípios.

Petrolina é a capital regional dessa mesorregião, que além de possuir um importante porto fluvial e um aeroporto internacional para exportações, é um polo agroindustrial, financeiro e comercial.

Localiza-se no centro sul do estado de Pernambuco. Faz divisa com os estados do Piauí, Bahia e Alagoas.

A mesorregião é circundada pela margem esquerda do Rio São Francisco, o qual faz divisa natural com o Estado da Bahia.

Graças ao rio, a região apresenta uma desenvolvida agricultura irrigada, a qual põe Pernambuco como um dos maiores produtores e exportadores de frutas do país.

A vegetação nativa é composta por Caatinga.

Mesorregião do Sertão Pernambucano

É formada pela união de 50 municípios distribuídos em quatro microrregiões.

Essa mesorregião é a menos densamente habitada de Pernambuco.

Suas maiores cidades são Serra Talhada, Araripina e Arcoverde.

A mesorregião é cortada por rios abundantes, como rio Pajeú, rio Brígida e o rio Moxotó. Além de as nascentes do rio e Ipojuca se localizar em uma serra do município de Arcoverde.

Sua vegetação é composta pela Caatinga, com árvores de médio porte, arbustos e estepe. Sua fauna é rica principalmente em aves.

Mesorregião do Agreste Pernambucano

É formada pela união de 71 municípios distribuídos em seis microrregiões.

Estende-se por uma área aproximada de 24 400 km², inserida entre a Zona da Mata e o Sertão.

Representa 24,7% do território pernambucano e conta com uma população de cerca de 1,8 milhão de habitantes (um quarto da população do estado).

Geologicamente a região está situada sobre o Planalto do Borborema em uma altitude média entre 400 a 800 metros, sendo que em alguns pontos como nas microrregiões de Garanhuns e do Ipojuca, as altitudes podem chegar 1000 metros.

A região está inserida na área de abrangência do Polígono das Secas, mas apresentando, um tempo de estiagem menor que a do sertão, devido a sua proximidade do litoral. Os índices pluviométricos podem variar em cada microrregião.

A região está situada em parte no planalto da Borborema, o que confere à região um clima mais ameno em relação ao semiárido e com maior índice pluviométrico. A região apresenta estações do ano bem definidas, em comparação ao litoral e ao oeste pernambucano.

Mesorregião da Zona da Mata

É formada pela união de 43 municípios distribuídos em três microrregiões.

As cidades mais importantes por microrregião são:

Na microrregião da Vitória de Santo Antão: Vitória de Santo Antão;

Na microrregião da Mata Setentrional Pernambucana (Zona da Mata Norte): Goiana, Carpina, Timbaúba e Paudalho;

Na microrregião da Mata Meridional Pernambucana (Zona da Mata Sul): Palmares, Escada, Sirinhaém e Barreiros.

A Zona da Mata Pernambucana estende-se por uma área de 8.738 km², limitando-se ao norte com a Paraíba, ao sul com Alagoas, ao leste com a Região Metropolitana do Recife e ao oeste com o Agreste. Com uma população estimada em 1.193.661 habitantes.

A Zona da Mata foi a porta de entrada dos europeus em Pernambuco, pois antes de existir a Região Metropolitana do Recife, todas as cidades do leste pernambucano eram integrantes dessa mesorregião antes de vigorar a Lei Complementar número 14, que criou outra mesorregião. A região é servida pelas rodovias federais BR-232, BR-101 e BR-408. O nome "Zona da Mata" refere-se ao que os portugueses viram desde o litoral,

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor - Anos Finais do Ensino Fundamental – Geografia

REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO (NOÇÕES CARTOGRÁFICAS)

ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO CARTOGRÁFICO

A alfabetização cartográfica é um processo educacional que visa proporcionar aos estudantes os conhecimentos e habilidades necessários para interpretar e produzir representações espaciais, como mapas, gráficos e outras formas de representação geográfica. O letramento cartográfico, por sua vez, vai além da simples alfabetização, sendo entendido como a capacidade de utilizar essas representações de maneira crítica e contextualizada no cotidiano.

No contexto da Educação Básica, o ensino da Cartografia deve ser pensado de forma integrada ao desenvolvimento cognitivo dos estudantes, com o objetivo de favorecer a compreensão espacial e a percepção crítica do espaço. A seguir, abordaremos algumas das principais estratégias didático-pedagógicas para a alfabetização e o letramento cartográfico.

► Conceito de alfabetização cartográfica

A alfabetização cartográfica pode ser definida como o processo em que o aluno adquire as primeiras noções sobre mapas, gráficos e outras formas de representação espacial. Esse processo envolve a compreensão dos símbolos, das escalas e das convenções utilizadas na representação do espaço geográfico. O ensino da Cartografia começa com atividades simples, como a identificação de locais familiares em um mapa ou a realização de desenhos do ambiente próximo à realidade dos estudantes, evoluindo gradualmente para representações mais complexas.

► Letramento cartográfico: leitura, interpretação e produção de mapas

O letramento cartográfico envolve a capacidade do aluno não apenas de ler mapas, mas também de interpretá-los e produzi-los. A leitura de um mapa não é uma tarefa simples, pois exige que o aluno compreenda os diversos elementos que o compõem, como a legenda, os símbolos, as escalas e as projeções utilizadas. Já a interpretação envolve o entendimento dos dados que o mapa oferece, considerando o contexto geográfico e social em que ele foi produzido. Por fim, a produção de mapas permite ao aluno aplicar o que aprendeu, representando espaços de sua realidade e de sua vivência, o que estimula a criatividade e o entendimento crítico do espaço.

Para promover o letramento cartográfico, o professor deve incorporar atividades que envolvam a criação de mapas pessoais, como o mapeamento do caminho até a escola ou a elaboração de mapas do bairro ou cidade, para conectar o conteúdo com a experiência diária do aluno.

► Etapas do desenvolvimento da percepção espacial no processo de ensino

O desenvolvimento da percepção espacial é um processo gradual, que começa nas primeiras etapas da educação básica e se estende até a compreensão mais aprofundada na educação superior. Durante o processo de ensino, o professor deve planejar atividades que estimulem a percepção e compreensão do espaço em diferentes escalas, começando pelo espaço imediato do aluno (como a sala de aula ou o bairro) e, posteriormente, ampliando para o conhecimento global.

As etapas desse desenvolvimento incluem:

- Conhecimento do espaço próximo: O aluno começa a entender e a representar o espaço em que vive, utilizando mapas e outros recursos visuais para situar-se no mundo.
- Ampliação da percepção para o território mais amplo: Com o tempo, o aluno passa a explorar representações mais complexas, como mapas do país, do continente ou do planeta.
- Capacidade crítica de análise: O estudante começa a entender as diferentes formas de representação espacial e as implicações das escolhas feitas no momento de produzir um mapa.

► Abordagens práticas e lúdicas para o ensino de mapas na Educação Básica

O ensino de Cartografia pode ser extremamente dinâmico e envolvente para os estudantes, especialmente quando o professor utiliza abordagens lúdicas e práticas. Algumas das estratégias incluem:

- Jogos de tabuleiro e atividades interativas: Utilizar jogos de mapeamento, como quebra-cabeças de mapas ou jogos de localização geográfica, pode tornar o aprendizado mais interessante e menos abstrato.
- Exploração de mapas físicos e digitais: A utilização de mapas tradicionais e ferramentas digitais, como Google Maps e outros recursos interativos, proporciona uma compreensão mais profunda das representações espaciais, além de estimular o uso de tecnologias no processo de aprendizagem.
- Atividades de campo: Propor atividades em que os estudantes mapeiem sua própria cidade ou bairro, ou até mesmo façam uma visita a um local de interesse, possibilita a vivência prática do processo cartográfico.

Essas abordagens estimulam a participação ativa dos alunos, tornando a aprendizagem mais significativa e conectada com a realidade.



AMOSTRA

► Integração com outras áreas do conhecimento e contextos locais

Para que o letramento cartográfico seja efetivo, é importante que o ensino de Cartografia seja integrado a outros conteúdos curriculares, como História, Ciências e Arte. Por exemplo, ao estudar a história de uma cidade, o aluno pode produzir um mapa histórico, relacionando os eventos importantes com a disposição geográfica da cidade ao longo do tempo. Além disso, as questões locais, como o estudo da geografia do bairro ou da cidade, podem ser usadas para criar atividades significativas que conectem o conhecimento geográfico à vida cotidiana dos estudantes.

A Cartografia, portanto, deve ser abordada como um processo dinâmico e contextualizado, que ajude os alunos a se tornarem letrados no espaço e a perceberem como o mundo está representado e organizado ao seu redor.

A Cartografia é a ciência e a arte de representar o espaço geográfico em mapas e outras formas de representação visual. Seu estudo envolve uma série de conceitos essenciais para compreender como o espaço é traduzido em representações gráficas. A seguir, serão abordados alguns dos conceitos mais fundamentais dessa área do conhecimento, como a definição de Cartografia, a importância das representações do espaço, as escalas cartográficas, projeções, simbologia e a leitura e interpretação de mapas.

► O que é Cartografia: definição e importância

A Cartografia é uma disciplina que estuda as formas de representar a superfície da Terra e outros corpos celestes, utilizando mapas, gráficos, plantas, croquis e outros recursos visuais. Ela tem como objetivo registrar e interpretar o espaço geográfico, tornando-o mais compreensível para as pessoas, e auxilia na organização do território e no planejamento urbano e rural.

A Cartografia é essencial para diversas áreas do conhecimento, como Geografia, História, Engenharia, Planejamento Urbano e Ambiental, e sua importância vai muito além da produção de mapas para a navegação ou o deslocamento físico. Ela também desempenha papel crucial em atividades cotidianas, como a gestão de recursos naturais, a análise de fenômenos sociais e ambientais, e o apoio à tomada de decisões políticas e econômicas.

► Representações do espaço: do real ao simbólico

As representações cartográficas são representações simbólicas do espaço real. Elas não buscam copiar a realidade de forma literal, mas sim traduzi-la para uma linguagem simbólica que possa ser compreendida e analisada. Cada mapa, por exemplo, é uma interpretação do espaço, destacando determinados aspectos e simplificando outros, a fim de comunicar informações relevantes para o objetivo do mapa.

A Cartografia, portanto, lida com o processo de simplificação da realidade, e esse processo exige escolhas: o que será mostrado e o que será omitido? Como as informações serão representadas graficamente? Esses aspectos simbólicos são fundamentais para entender como a Cartografia atua como uma representação do espaço.

► Escala cartográfica: tipos e interpretação

A escala é um dos conceitos mais importantes na Cartografia. Ela expressa a relação proporcional entre as dimensões reais de um território e as dimensões representadas no mapa. Em outras palavras, a escala determina o grau de redução ou ampliação da representação do espaço.

Existem diferentes tipos de escala, sendo as mais comuns:

- Escala numérica: Expressa a relação de forma numérica, como 1:100.000, indicando que 1 unidade no mapa corresponde a 100.000 unidades no mundo real.
- Escala gráfica: Representada por uma linha graduada que indica as distâncias no mapa em comparação com as distâncias reais. A escala gráfica é particularmente útil para medir distâncias no mapa.

Ao interpretar a escala, o estudante deve compreender como as distâncias e áreas representadas no mapa se relacionam com o território real, facilitando a análise de fenômenos e a realização de cálculos espaciais.

► Projeções cartográficas: conceito e principais tipos

Uma projeção cartográfica é o processo de transformar a superfície esférica ou elipsoidal da Terra em uma superfície plana, como o papel ou a tela do computador. Esse processo sempre envolve distorções, pois não é possível representar perfeitamente uma esfera em uma superfície plana sem alterar alguns aspectos, como a forma, área, distância ou direção.

Existem diferentes tipos de projeções, e cada uma tem suas características e distorções específicas:

- Projeção cilíndrica: A Terra é projetada em um cilindro. A projeção de Mercator é um exemplo famoso dessa categoria. Essa projeção preserva a forma, mas distorce a área em regiões distantes do equador.
- Projeção cônica: A Terra é projetada em um cone. É útil para representar áreas de média latitude e tem menos distorção nas formas e áreas.
- Projeção azimutal: A projeção é feita a partir de um ponto específico na Terra, e é frequentemente usada para representar áreas polares. Ela preserva as direções e as distâncias em torno do ponto central.

A escolha da projeção depende do tipo de análise que se deseja fazer e do espaço geográfico a ser representado.

► Simbologia cartográfica: leitura de legendas, cores e formas

A simbologia cartográfica refere-se ao conjunto de símbolos, cores, linhas e formas utilizadas para representar informações no mapa. Cada símbolo tem um significado específico, e a interpretação correta de um mapa depende da capacidade de entender a legenda, que descreve os símbolos usados.

A legenda, portanto, é uma chave de leitura, essencial para entender o que os diferentes elementos de um mapa representam. Por exemplo, linhas pontilhadas podem indicar estradas, enquanto as cores podem ser usadas para mostrar diferentes tipos de relevo, climas ou uso do solo. As cores também podem ter significados específicos, como o uso de verde para áreas de vegetação ou azul para corpos d'água.

